

## **REDESCOBRINDO A REGIÃO DE FRONTEIRA POR MEIO DOS CONTOS LITERÁRIOS**

*Daniela Carine Dohs Machado*

*Cristina Duarte Pureza Boessio*

### **Resumo**

Este artigo refere-se a uma pesquisa do tipo Intervenção Pedagógica de um Mestrado Profissional em Educação, com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da rede Estadual, no município de Bagé/RS, que faz fronteira com o Uruguai. O objetivo da Intervenção é incentivar o reconhecimento das características culturais, históricas e geográficas e da memória do lugar em que eles vivem e, por meio da Literatura, refletir criticamente sobre elas. A Intervenção se justifica pela inexistência de um currículo escolar que privilegie esta cultura fronteiriça. Pretendemos que os discentes possam se sentir como cidadãos integrados ao meio em que vivem, pertencentes e conhecedores da história do lugar, trabalhando também com os as relações fronteiriças por meio dos Contos Literários.

**Palavras-chave:** Região de Fronteira; Contos Literários; História, Geografia, Memória.

### **Introdução**

No presente artigo apresentaremos o trabalho em andamento de uma pesquisa do tipo Intervenção Pedagógica a nível de Mestrado Profissional, que tem por objetivo incentivar o reconhecimento das características culturais, históricas, geográficas e a memória do lugar em que os educandos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual do município de Bagé/RS vivem, ressaltando que é uma Região de Fronteira e promovendo uma reflexão crítica sobre a História, Geografia e Memória do local, por meio dos Contos Literários da Oficina de Criação Literária Alcy Cheuiche.

Constatamos que as relações culturais fronteiriças não são trabalhadas no currículo escolar, mesmo o município de Bagé fazendo fronteira com o Uruguai. Para incentivar o redescobrir da região pelos educandos da escola, foram necessárias algumas ações iniciais, como a definição do tema, o público alvo e a escolha dos Contos Literários que contemplassem a Região de Fronteira entre o Brasil e o Uruguai.

Passada a etapa da elaboração e planejamento das ações iniciais, criamos uma proposta de ação interventiva, composta por dez aulas, nas quais idealizamos apresentar vídeos, mapas, imagens e a Literatura da região em que os educandos moram, esta será desenvolvida no primeiro semestre do ano letivo de 2016.

Pensamos que a educação na região, tem também como objetivo conhecer e problematizar a fusão cultural dos dois países e que a prática docente deve destacar, trabalhar e valorizar a diversidade cultural dos educandos, ressaltando os costumes comuns que uma Região de Fronteira apresenta. Isto não ocorre no contexto atual da escola, sendo que, inúmeras vezes, elas são negadas e silenciadas.

Segundo Santomé (2002), para a real construção de uma sociedade crítica, é necessário repensar a educação atual, incluindo nas práticas docentes não somente os conteúdos escolares, como também os conteúdos culturais, objetivando assim, trazer à sala de aula os grupos sociais em que o educando está inserido e dar voz e notoriedade às vozes ausentes, promovendo o debate e a reflexão crítica.

Paulo Freire (1990, p.75) afirma que os educadores precisam utilizar o universo de seus alunos como ponto de partida, fazendo com que eles sejam capazes de reconhecer-se como possuidores de uma identidade cultural específica e importante. Por isso, devemos partir do cotidiano e das vivências dos educandos, para assim, alcançar uma aprendizagem significativa, sendo que

uma das finalidades fundamentais de toda intervenção é a de preparar os/as alunos/as para serem cidadãos ativos/as e críticos/as, membros solidários e democráticos de uma sociedade solidária e democrática. Uma meta desse tipo exige, por conseguinte, que a seleção dos conteúdos curriculares, os recursos e as experiências cotidianas de ensino e aprendizagem que caracterizam a vida nas salas de aula, as formas de avaliação e os modelos organizativos promovam a construção dos conhecimentos, destrezas, atitudes, normas e valores necessários para ser bom/boa cidadão/ã. (SANTOMÉ, 2002, p. 159)

Para que isso aconteça, é essencial buscar uma prática em os saberes dos educandos sejam considerados. Sendo assim, as práticas docentes não podem ficar restritas às unidades didáticas isoladas e descontextualizadas, é preciso uma reflexão diária e permanente do fazer pedagógico, a fim de incluir e não excluir, de agregar e não de separar.

Ao se estudar a Região de Fronteira, compreende-se a essência de um modo de vida imerso por uma mistura cultural, histórica e geográfica. Tal essência é representada pelos habitantes do lugar; esses por sua vez, formam laços de amizade ou de parentesco entre os dois países vizinhos, que ultrapassam a demarcação oficial estabelecida pelos estados fronteiriços.

Ao analisarmos o currículo escolar e constataremos a inexistência de práticas que privilegiem esta cultura fronteiriça, é que se justifica a vontade de aprofundar os

conhecimentos sobre a história do lugar onde os educandos vivem, ou seja, as relações entre o Brasil e o Uruguai.

Cabe a nós, professores, trabalharmos em sala de aula essas diferenças e semelhanças culturais, geográficas, históricas e a memória da região, ressaltando a boa relação que os dois países mantêm. Destacar a Literatura que retrata estas ligações, utilizando-a não apenas de maneira isolada, mas sim de forma prazerosa, interdisciplinar e colaborativa, de modo que o aluno possa perceber-se como parte integrante e importante desta região.

## **1 - Reflexões teóricas sobre a Região de Fronteira**

A legislação brasileira (Lei de Fronteira, nº 6.634 / 79), define como Região de Fronteira a faixa de território que corresponde a 150 km (cento e cinquenta quilômetros) para além dos limites internacionais com quaisquer países. O município de Bagé/RS faz fronteira com o Uruguai, sendo este, composto de campos e propriedades privadas e também se localiza a 60 km (sessenta quilômetros) da fronteira com o município de Aceguá/RS, que possui uma cidade gêmea<sup>1</sup> com a cidade do Uruguai.

A Região de Fronteira compreendida entre estes dois países configura-se como uma fronteira seca, ou seja, onde não existe um rio, lago, ou oceano separando, apenas uma delimitação simbólica feita por meio dos marcos fronteiriços<sup>2</sup>, de que ali acaba um país e começa o outro.

Segundo Pereira (2009), por estarmos inseridos em uma Região de Fronteira, nossa cultura se interliga e pulverizam umas nas outras, gerando assim, uma construção única dos povos de fronteira, com características e peculiaridades próprias. Como aponta Silva (2005, p. 85), “cultura é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social”.

Segundo Sarquis (1996), a Região de Fronteira integra grandes áreas, em que, de um lado temos grandes franjas territoriais e do outro, linhas de demarcação geográfico-político, na qual, as populações convivem com as particularidades próprias da região, que as diferenciam de outros lugares dos territórios nacionais. Sturza (2010, p. 86) afirma que “essas

---

<sup>1</sup> Segundo o Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira, caracterizou as cidades gêmeas como adensamentos populacionais cortados por linhas de fronteiras, sejam secas ou fluviais, articuladas, com ou sem obras de infraestrutura. Disponível em <[http://www.mi.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=e5ba704f-5000-43df-bc8e-01df0055e632&groupId=10157](http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=e5ba704f-5000-43df-bc8e-01df0055e632&groupId=10157)>. Acesso em: 10 fev. 2016.

<sup>2</sup> Um marco de fronteira é um marco físico robusto que identifica o limite de uma linha de fronteira terrestre ou a mudança na direção dessa linha limítrofe. São normalmente usados para marcar pontos críticos na linha de fronteira entre estados ou suas subdivisões. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Marco\\_de\\_fronteira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marco_de_fronteira)>. Acesso em: 18 fev. 2016.

fronteiras têm histórias locais distintas embora apresentem uma série de traços culturais, códigos sociais comuns”, como no caso da fronteira do Brasil com o Uruguai.

A proximidade entre estes dois países fez com que eles não compartilhem somente o território geográfico, mas toda a construção cultural fronteiriça, como as línguas dos dois países, o português, a culinária, os costumes, a vestimenta, entre outras características próprias do lugar que foram recriadas e modificadas ao longo dos anos, bem como na influência e presença de outros povos, como os africanos, que deixam marcas distintas.

As especificidades desta região contribuem para a formação de uma identidade regional, em que os territórios são separados por uma linha imaginária, porém são integrados em torno dos costumes recriados pelos dois países. Assim, segundo Santos (1994, p. 49) “em tal zona, são imensas as possibilidades de identificação e de criação cultural”, a região fronteiriça é uma região de entrecruzamentos, onde os contatos entre os diferentes povos se espalham e se ordenam, como afirma Santos,

o contexto global do regresso das identidades, do multiculturalismo, da transnacionalização e da localização parece oferecer oportunidades únicas a uma forma cultural de fronteira precisamente porque esta se alimenta dos fluxos constantes que a atravessam. A leveza da zona fronteiriça torna-a muito sensível aos ventos. É uma porta de vai-e-vem, e como tal nunca está escancarada, nem nunca está fechada. (SANTOS, 1994, p. 50)

Estas relações sociais se devem em grande parte, também, ao fato de que as políticas de avizinhamiento que os cidadãos de fronteira estão expostos, predispõe-lhes a entrar em contato por diferentes formas, com o objetivo de agregar as especificidades que se apresentam no lugar, recriando-as e valorizando-as no ambiente escolar, não somente

no desafio de compreender como se organiza esta zona tão periférica dos Estados nacionais e, ao mesmo tempo, tão necessária a uma política que se define pelo arranjo dos blocos, dos grupos e das comunidades, traz para discussão, não a geografia como determinante das relações, mas os sujeitos políticos e históricos que habitam as fronteiras que divide territórios. Linha esta que lhes permite mover-se e volver. (STURZA, 2010, p. 83 e 84)

Assim, pretendemos unificar as relações entre História, Geografia, Literatura e Memória, pois segundo Ferreira (1996), estas relações estão no centro do debate sobre a disciplina histórica e a educação na atualidade, constituindo o seu estudo, uma reflexão que já se acumula durante várias décadas e envolve diferentes áreas do conhecimento, na construção de uma identidade nacional, em que a Literatura exerce papel importante.

## 1.1 - O Conto como gênero Literário

Recorrer a Literatura, mais especificamente ao Conto Literário na prática pedagógica recria um universo de seres, acontecimentos e uma trama que une história e ficção, reproduzindo situações que ocorreram com o imaginário de uma sociedade. Ele possui fácil compreensão, em que recria personagens do cotidiano, aliado com a memória popular.

O Conto teve sua origem com a história oral, nas camadas mais humildes da sociedade, em que os antigos povos que, muitas vezes, por não saberem ler, contavam histórias irreais ou verídicas, geralmente à frente da lareira, ou no fogo de chão dos galpões, ou na beira da cama, antes de dormir ou para distrair-se. Estas histórias foram passando de geração para geração e recriadas na literatura regional.

Progressivamente, os contos populares passaram para a literatura escrita, como na França, por volta do século XVI, em que o escritor Charles Perrault<sup>3</sup>, publicou contos infantis, como “Chapeuzinho Vermelho” e “A bela adormecida”, em que recriou histórias populares, transformando-as em literatura infantil. Posteriormente na Inglaterra, em meados do século XIX, os Irmãos Grimm<sup>4</sup> publicaram uma coletânea de contos infantis, também inspiradas nos contos populares orais.

Com o americano Edgar Allan Poe (1809 – 1849), na primeira metade do século XIX, é que se popularizaram os Contos Literários. Mesclado com ficção policial, suas obras são reconhecidas por envolver o mistério com o macabro, o que cativou o público e contribuiu para a popularização do gênero literário. Segundo Mello (2003), Allan Poe estabeleceu marcos que continuam a ser referência para muitos escritores atuais.

No Brasil, o Conto destacou-se com o escritor Machado de Assis (1839 – 1908), com a publicação de – Contos fluminenses – em 1870. Posteriormente, com a propagação de suas obras, deixou a sua contribuição para diferentes gêneros literários, sendo que “no estudo do conto machadiano, percebe-se que o autor se valeu de todos os recursos aplicáveis à narrativa curta, de tal forma que fica difícil identificar um estilo único ou predominante no que tange a feitura e temática do conto”. (MELLO, 2003, p. 14).

---

<sup>3</sup> COELHO, Lila Figueiredo Laurabeatriz Alexandre, Trad Fernanda Lopes de Almeida. **Contos de Perrault** [Coleção]. Ática. 2012.

<sup>4</sup> TRUSEN, Sylvia Maria. **O acervo dos Irmãos Grimm; leitura, tradução e melancolia na coletânea Kinder-und Hausmärchen**. Rio de Janeiro: PUC. 2006.

Assim, após Machado de Assis, outros escritores do início do século XX promoveram a sua produção literária baseada em Contos. Como no caso de Simões Lopes Neto (1896 – 1916), com a publicação de sua obra intitulada Contos Gauchescos, em que discorre sobre o regionalismo e os problemas locais do homem do campo; bem como o escritor Monteiro Lobato (1882 – 1948), que destacou os problemas sociais do Brasil em suas obras.

A partir do Modernismo, que foi um movimento cultural que repercutiu principalmente sobre a Literatura e as artes, o número de escritores que se dedicaram aos contos, cresceu consideravelmente; “crescimento que foi maior a partir dos anos 70, de modo que se pode dizer que é a forma literária mais escolhida pelos novos escritores” (MELLO, 2003, p. 15).

O Conto é um gênero Literário que apresenta uma grande flexibilidade, podendo se aproximar da poesia e da crônica, porém tem característica própria, como narrativas curtas, a fim de prender a atenção do leitor. Segundo Mello (2003), a narrativa deve ser primeiramente breve, pois a brevidade facilita a manutenção do interesse; ao mesmo tempo, terá que apresentar coerência e unidade entre as partes e por ser uma narrativa curta, o número de personagens é limitado, como geralmente é,

se o poema – ou qualquer outra obra – for grande, haverá naturalmente uma divisão de leitura. No entanto, para cada período serão mantidas as mesmas exigências, com o objetivo de fisgar o leitor: manter a tensão sem afrouxá-la, para não dar ensejo a interrupções. (GOTLIB, 2006, p. 36)

Desta forma, o leitor será transportado ao mundo do escritor, ao mundo que o Conto recria, em que, qualquer pessoa que produz um Conto segue a sua forma geralmente breve e simples. Características essas, que possibilitam o texto ser fluido e de fácil compreensão, como afirma Gotlib (2006, p. 29), que “o que caracteriza um Conto é o seu movimento enquanto narrativa através dos tempos”.

A Literatura instaura um modo de interação do objeto com o leitor no tempo e no espaço inseridos no texto, segundo Travaglia (2004, p. 153), “se caracteriza por seu produtor se colocar na perspectiva do fazer/acontecer inserido no tempo, com o objetivo de contar, de dizer fatos”. Assim, por meio dela, é que o leitor será inserido na trama e na história narrada na obra literária, em que,

esta voz que fala ou escreve só se afirma enquanto contista quanto existe um resultado de ordem estética, ou seja: quanto consegue construir um conto que ressalte os seus próprios valores enquanto conto, nesta que já é, a esta altura, arte do conto, do conto literário. Por isso, nem todo contador de histórias é um contista. (GOTLIB, 2006, p. 13)

Para ser um contista, este deve imprimir as suas características na escrita, deixando o leitor ávido pela história. Segundo Lajolo (2006, p. 35) “ao escrever tem-se a intenção de convencer os leitores do que se diz, e da qualidade e da adequação do texto em que se diz o que se diz”. Neste sentido, a produção Literária só fará sentido para a educação, para os alunos, se os Contos fizerem sentido para ele. Entretanto, devemos ter clareza sobre os procedimentos necessários para a elaboração de um Conto,

se não tivermos uma ideia viva do que é o conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto. (GOTLIB, 2006, p. 10)

Isto implica diretamente na qualidade do Conto produzido, em que vários elementos contribuem para a sua elaboração, todavia, este não é um fator decisivo para o sucesso de um contista, como afirma Gotlib (2006, p. 68), “o que decide se um Conto é bom ou ruim é o procedimento do autor, e não este ou aquele elemento isolado”.

Entendemos Conto Literário não apenas os padrões pré-estabelecidos de um mundo universal, mas tudo o que é visto como Literatura, como arte, em uma determinada sociedade, com os seus costumes. Como afirma (NASCIMENTO, 2011, p. 01) “na ação de ler, condições sociais, culturais, históricas, afetivas e ideológicas entram na construção de sentidos”. Assim, a literatura passa a ser vista como modo de produção de conhecimento, em que o leitor percebe a sua presença viva e participante no mundo, tendo acesso também ao imaginário de diferentes épocas, em que

cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas. Leitor maduro é aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu. (LAJOLO, 2006, p. 106-107)

Desta forma, ao trabalhar com Contos Literários com os educandos, é que eles refletirão sobre as suas vivências, as suas percepções e sua Memória, incentivando a reflexão sobre os seus conhecimentos e percepções fronteiriças. Nesta perspectiva, Gotlib (2006, p. 06) afirma que “enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história da nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam”.



Diante disto, é que se justifica a utilização dos Contos Literários na sala de aula, uma vez que eles permitem que o leitor seja parte da história, em que ideias sejam confrontadas e que o conhecimento seja construído. Assim, segundo Nascimento (2011, p. 147), “durante a ação de ler, o leitor faz emergir a biblioteca vivida, isto é, aciona tanto as experiências pessoais, quanto os dados culturais”.

Ao trabalhar com História, Geografia e Memória, aliando esta universalidade com a Literatura, estamos diversificando o fazer pedagógico, inserindo o nosso educando em um mundo de possibilidades, no qual ele possa refletir sobre a sua condição no meio em que vive, segundo Pesavento,

história e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotados de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música. (PESAVENTO, 2006, p. 02)

Em sala de aula, cada interpretação ou acréscimo ao texto estudado pode variar de acordo com as experiências vividas por cada indivíduo, por isso, é que a utilização de Contos Literários se torna uma atividade tão rica e prazerosa, pois faz com que o aluno possa vivenciar outros mundos, porém, acrescentando as suas experiências a ele, sendo que “trabalhar com a literatura na escola, é explorar inúmeras possibilidades de compreender a realidade e de produzir conhecimento através da arte e da linguagem dialógica por natureza” (PACHECO, 2004, p. 213).

O estudo Literário em sala de aula necessita fazer sentido para o aluno. Este precisa visualizar-se naquele contexto, assim como afirma Lajolo (2006, p. 16), “a inscrição de e no texto, no e do cotidiano do aluno, entendendo que este cotidiano abrange desde o mundo contemporâneo, até os impasses individuais vividos por cada um, nos arredores da leitura de cada texto”.

Assim, ao utilizar os Contos Literários no processo de identificação da condição dos educandos fronteiriços, é necessário pensar o modo como a Literatura será utilizada, por isso

a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2006, p. 106)



Na Intervenção utilizaremos os Contos Literários regionais, o que contribuirá ainda mais para a compreensão das histórias de conquistas, bem como, a Memória de seus habitantes, com isto,

reabre-se o debate em torno da verdade, do simbólico, da finalidade das narrativas histórica e literária, da gerência do tempo e da recepção do texto, questões estas que colocam a história e a literatura como leituras possíveis de uma recriação imaginada do real. (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998, p.9-10)

Aliar a História, Geografia, Memória e Literatura reabre a imaginação sobre os acontecimentos passados e as relações com o presente, fazendo com que eles possam enxergar-se como integrantes e participantes da história da região em que vivem.

## **2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A abordagem metodológica para o desenvolvimento da pesquisa será a Intervenção Pedagógica. Segundo Damiani (2003), este tipo de pesquisa tem por objetivo a Intervenção no fazer pedagógico, para a melhoria da aprendizagem, seguido de uma avaliação dos efeitos dessa Intervenção.

Para a coleta de dados e diagnóstico dos saberes prévios dos alunos, utilizaremos o questionário, que segundo Marconi e Lakatos (2003), é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito. Por ser um conjunto de perguntas agrupadas sobre um determinado assunto, não testa a habilidade do questionado, mas verifica a sua opinião, seus interesses e traços de sua personalidade. Segundo Gil (2002) a utilização do questionário, de forma anônima, ainda preserva o questionado.

No decorrer das ações do Projeto de Intervenção, será realizado um questionário individual com os educandos, para investigar o conhecimento prévio sobre a sua identificação, cidadãos fronteiriços, sobre a História, Geografia e Memória dos dois países e sobre os Contos Literários regionais. Questionaremos os alunos também, sobre o conhecimento de Bagé fazer fronteira com o Uruguai e localizar-se em uma Região de Fronteira; se conhecem ou possuem parentes no país vizinho; se possuem conhecimento sobre a Literatura que trata da região onde moram; sobre os Contos e lendas de Bagé e região; sobre os costumes, as diferenças e semelhanças entre o nosso país e o país vizinho.

Outro instrumento de coleta de dados utilizado será a observação, mais especificamente, como participante observador, que segundo Neto e Triviños (1999), o observador participa

ativamente dos acontecimentos, em um procedimento de coleta, organização e registro das informações após o acontecimento,

essa tarefa requer que se utilize processos mentais superiores como: a atenção, a percepção, a memória e o pensamento, para observar fatos e realidades sociais presentes. Nesse caso, é fundamental que a observação das pessoas se realize num contexto real no qual desenvolvem normalmente suas atividades. (NETO; TRIVIÑOS, 1999, p. 67)

Com a observação, será possível analisar fatos que não são possíveis por meio escrito, pois os educandos estarão no seu meio escolar. Sendo assim, a observação proporcionará um novo olhar sobre a Intervenção.

Ao final de cada ação interventiva os alunos escreverão as suas percepções sobre a decorrida aula em uma caderneta de metacognição, em que refletirão sobre o seu processo pessoal de aprendizagem. Segundo Damiani (2006), este é um processo de autoconhecimento e regulação de seus processos cognitivos, em que

compreendemos a metacognição e, mais especificamente, o controle cognitivo como a capacidade do indivíduo de deliberadamente controlar e planejar seus próprios processos cognitivos com o fim de alcançar uma determinada meta ou objetivo. (DAMIANI, 2006, p. 03)

Na caderneta, que foi adaptada de Damiani (2006), os educandos responderão três perguntas sobre a decorrida aula. O que aprenderam? Como aprenderam? O que gostariam de aprender? Como é costumeiro em atividades metacognitivas, sendo que desta forma, eles serão incentivados a refletirem sobre o seu processo de aprendizagem.

Na Intervenção serão desenvolvidas 10 aulas, em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, sendo cada aula com duração de 50 minutos. A proposta de atividades busca incluir recursos visuais, juntamente com o Literário, como vídeo, mapas e imagens que retratam o local onde os educandos moram, sempre ressaltando que é uma Região de Fronteira.

Propomos também uma visita para a cidade de Aceguá/RS, que também faz divisa com o país do Uruguai e com o município de Bagé/RS, para que assim, eles possam desfrutar de um momento de descontração, conhecendo os habitantes da Região de Fronteira e toda a geografia do lugar.

A escolha pelo local se deve pelo fato do município de Aceguá abranger a zona urbana, o que possibilitará aos alunos conhecerem a cultura, a população e terem contato direto com o

dialeto local, o portunhol, já que na divisa do município de Bagé com o Uruguai, a geografia é composta somente de campo e propriedades privadas.

A seguir apresentamos a proposta das aulas a serem desenvolvidas na Intervenção, elas estão agrupadas em duas horas-aula sequenciais, sendo cada aula composta de 50 minutos, pois assim é que são organizadas as aulas na grade curricular da escola.

<b>CRONOGRAMA DAS AULAS A SEREM DESENVOLVIDAS</b>				
<b>Aulas</b>	<b>O quê?</b>	<b>Para quê?</b>	<b>Por quê?</b>	<b>Como?</b>
1 e 2	Fronteira e cidadãos fronteiriços.	- Identificar os sujeitos da Intervenção; -Problematizar o conceito de fronteira;	- Conhecer a definição de fronteira, Região de Fronteira e cidadãos fronteiriços; - Discussão acerca da sua visão e posição de cidadãos fronteiriços.	- Explicaremos como se desenvolverá o trabalho e como será a escrita na caderneta; - Fixaremos um painel de cartolina na parede, com as perguntas: Quem sou eu? Onde se localiza o lugar onde moro? O meu país faz fronteira com o Uruguai? O que tu sabes sobre este país? Neste painel, os alunos fixarão suas respostas; - Leitura e reflexão sobre um texto com o tema fronteira; - Escrita nas cadernetas.
3 e 4	Os primeiros povoadores	Promover a integração dos saberes sobre a cultura da Região de Fronteira, destacando o importante papel da sociedade neste processo.	- Trabalhar com a concepção de conto literário: o que é e como se faz; - Despertar o interesse nos educandos sobre a História, Geografia e Memória da Região de Fronteira entre Brasil e Uruguai.	- Mostrar o vídeo “A Carta” <sup>5</sup> , que aborda os primeiros povoadores da região entre Brasil e Uruguai, bem como, a cultura local; - Por meio do site <a href="https://maps.google.com.br">https://maps.google.com.br</a> , localizar e visualizar a divisa do município de Bagé com o Uruguai <sup>6</sup> ; - Oralmente, retomar a definição de conto e distribuiremos uma cópia do conto “Os Charruas” de Rute Mara Gonçalves Ferreira, retirado do livro de Oficina Literária de Alcy Cheuiche,

<sup>5</sup> Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_MS89bEgsh4](https://www.youtube.com/watch?v=_MS89bEgsh4)>. Acesso em: 18 fev. 2016.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Bag%C3%A9+-+RS/@-31.463631,-54.538028,10z/data=!4m2!3m1!1s0x9505d89576bd67b1:0x46f00fa7b950cab7>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

				<p>abordando o território entre Brasil e Uruguai em que nossos antepassados, percorreram e suas contribuições para a nossa história e costumes;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Com o auxílio de um aparelho de data show, mostraremos mapas, imagens e fotos que contextualizem o conto trabalhado;</li> <li>- Debateremos oralmente sobre o conto, anotando as contribuições e colocações dos alunos e sanando as possíveis dúvidas que surgirem;</li> <li>- Escrita nas cadernetas.</li> </ul>
5 e 6	Diferentes povos na Região de Fronteira - Contos	Trabalhar com os Contos Literários que retratam os primeiros povoadores da região;	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Despertar para as especificidades da cultura da Região de Fronteira;</li> <li>- Aprofundar o estudo sobre os Contos, incentivando a reflexão crítica;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A turma será dividida em grupos de quatro alunos cada, será distribuído um Conto Literário para cada grupo; pediremos que leiam, discutam no grupo e em seguida faremos a discussão dos Contos,</li> <li>- Cada grupo ficará responsável por contar à turma as partes que mais chamaram a atenção no Conto.</li> <li>- Escrita nas cadernetas.</li> </ul>
7 e 8	Produção literária a partir das suas concepções.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Retomar os assuntos trabalhados durante toda a Intervenção.</li> <li>- Refletir sobre a História, a Geografia e a Literatura da região;</li> </ul>	Refletir sobre a condição de cidadãos fronteiriços por meio de uma produção escrita;	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Retomaremos oralmente os assuntos trabalhados nas últimas aulas, instigando os alunos para que eles reflitam sobre o que aprenderam na Intervenção, os conceitos e concepções que desenvolveram;</li> <li>- Pediremos que eles escrevam as suas percepções sobre os assuntos trabalhados nas aulas, sobre a condição de cidadão fronteiriço, a</li> </ul>

				Memória, História, Geografia e Literatura da região entre Brasil e Uruguai; - Escrita nas cadernetas.
9 e 10	Visita cultural.	Conhecer a fronteira entre Brasil e Uruguai;	- Promover o desenvolvimento cultural dos educandos; - Desfrutar de momentos de lazer e confraternização.	- Realizaremos uma visita para o município de Aceguá/RS, que se localiza a 60 km de Bagé/RS e sendo que sua Zona Urbana faz fronteira com o Uruguai; - Faremos o reconhecimento dos Marcos Fronteiriços que há no local de divisa do Brasil com o Uruguai, no centro da cidade.

## RESULTADOS ESPERADOS

Ao final desta pesquisa de Intervenção Pedagógica, esperamos contribuir para a o reconhecimento das características Históricas, Geográficas e da Memória do lugar em que os nossos educandos vivem.

Esperamos que os alunos reconheçam as características Históricas, bem como, a Literatura que se refere à Região de Fronteira e que sua concepção da Geografia do lugar onde vivem seja elucidada, construindo assim, seus conhecimentos acerca dos limites territoriais do município de Bagé e a relação com as cidades vizinhas.

Que por meio desta pesquisa, o currículo escolar privilegie o estudo da Região de Fronteira, fazendo com que os conteúdos culturais sejam incluídos nos conteúdos programáticos e que as culturas negadas e silenciadas sejam também trabalhadas em sala de aula, para que assim, nosso aluno possa tornar-se um ser crítico e ativo em nossa sociedade.

Desejamos que os educandos compreendam a importância da Literatura que retrata a História da região onde vivem, bem como, a Memória dos povoadores da fronteira. Que, por meio do estudo e produção dos Contos, eles sintam-se livres e encorajados para também refletirem e escreverem sobre as suas percepções do lugar onde vivem, que eles possam enxergar-se como idealizadores da história do seu tempo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. (1979). **Lei nº 6.634**, de 2 de maio de 1979. Dispõe sobre a Faixa de Fronteira, altera o Decreto-lei nº 1.135, de 3 de dezembro de 1970 e dá outras providências.

DAMIANI, Magda Floriana. **A metacognição como auxiliar no processo de formação de professores: uma experiência pedagógica**, UNI Revista, v. 1, n. 2, abri. 2006.

DAMIANI, Magda Floriana; ROCHEFORT, Renato Siqueira; CASTRO, Rafael Fonseca de; DARIZ, Marion Rodrigues; PINHEIRO, Silvia Siqueira. **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica**. Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel. Pelotas, n. 45, p. 57 - 67, jul. /ago. 2013.

FERREIRA, Antonio Celso. **História e literatura: fronteiras móveis e desafios disciplinares**. Revista pós-história. São Paulo: UNESP, v. 4, 1996.

FREIRE, Paulo. MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. 11. ed. São Paulo. Ática: 2006.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Unicamp, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. In: Fundamentos da metodologia científica. Altas, 2003.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. **Poesia e imaginário**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

\_\_\_\_\_. **Caminhos do conto brasileiro**. Revista Ciências e Letras, Porto Alegre, n.34, p.9-21, jul/ dez. 2003.

NASCIMENTO, Regina Lúcia. **Epistemologia, educação e literatura: conhecimentos para o ensino de leitura literária na sala de aula**. Revista Letras Escreve, Macapá, vol. 01. n. 02, p. 141 – 156, ago/ dez. 2011.

PACHECO, Patrícia da Silva. **A linguagem literária: sua especificidade e seu papel**. In PAIVA, Aparecida et al (Orgs). Democratizando a leitura: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2004.

PEREIRA, Jacira Helena do Valle. **A especificidade de formação de professores em Mato Grosso do Sul: limites e desafios no contexto da fronteira nacional**. InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS, v. 15, n. 29, p. 106-119, 2012. Disponível em: <<http://www.intermeio.ufms.br/ojs/index.php/intermeio/article/view/76/71>>. Acesso em: 07 fev. 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e literatura: uma velha-nova história.** Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Debate em: 28 jan. 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acesso em: 17 jan. 2016.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **As Culturas Negadas e Silenciadas no Currículo.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Alienígenas na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 159 – 177.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira.** Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

\_\_\_\_\_. **Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2002.

SARQUIS, Patrícia. **La educación en zonas de frontera: síntese en investigaciones realizadas en Argentina.** In: TRINDADE, Aldema Menine; BEHARES, Luís Ernesto. (org.). Fronteiras, educação, integração. Santa Maria, 1996. p. 57-81.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos / Kalina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva.** – São Paulo: Contexto, 2005.

STURZA, Eliana Rosa. **Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras.** Revista Ciência e Cultura, vol. 57, n. 2. São Paulo. abr./jun. 2005.

\_\_\_\_\_. **Espaço de enunciação fronteiriço e processos identitários.** Pro-Posições, Campinas, v. 21, n.3 (63), p. 83-96, set. /dez. 2010

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Tipologias textuais literárias e linguísticas.** Scripta, Belo Horizonte. v. 7, n.14, p. 146-158, 1º sem, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva; NETO, Vicente Molina. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Ed. Universidade, 1999.

ZURUVNY, Ana Celina Beckman [et al.]. **A saga dos povoadores e outros contos de Bagé** – Porto Alegre: Metrópole, 2005. 120 p.- (Oficina de Criação Literária, Alcy Cheuiche).